METÁFORA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO PNLD DO ENSINO MÉDIO E COMO ESTRATÉGIA QUE CAPTURA SIGNIFICADOS E SENTIDOS LITERÁRIOS

Guilherme Augusto Beserra Araujo[1]

Antonio Cilírio da Silva Neto[2]

INTRODUÇÃO

O ensino da metáfora no livro didático de língua portuguesa do PNLD do ensino médio e como estratégia que captura significados e sentidos em textos literários nos fez questionar como esse ensino é apresentado no livro didático do ensino médio. Teoricamente, nos baseamos nos estudos de Black (1962, 1993) e Moura (2012) para respondermos e compreendermos porque a abordagem interacionista da metáfora, além de ser integrante da linguagem, ela sustenta a ideia de autonomia, em que se expressam um conteúdo cognitivo. Metodologicamente analisou-se o ensino e a aprendizagem da metáfora na perspectiva do livro didático de língua portuguesa e no panorama das bases teórico-metodológicas da teoria da interação. Dessa forma, apresenta-se uma intervenção discursiva e metafórica para o ensino.

Notou-se que a metáfora tem sido trabalhada a partir de uma base tradicionalista que remonta à Grécia, tendo como fio condutor a filosofia aristotélica, Aristóteles (2014) propôs uma visão de metáfora, como uma ornamentação, como uma espécie de vaso bonito que se coloca na sala, um recurso meramente estético e estilístico, conforme Sardinha a metáfora era apenas "um recurso para ornamentar, embelezar a linguagem" (Sardinha, 2007, p. 22) notamos então uma estagnação nos processos de sentidos que a metáfora pode trazer, fomos levados então a uma questão "Séria a metáfora apenas um recurso linguístico ou um modo de criar conceitos?"

Para Moura (2017, p. 423) "a metáfora é um dos usos linguísticos mais livres e criativos disponíveis para a mente humana, com enorme valor cognitivo". Dessa forma, tendemos a acreditar que a metáfora é uma forma de criação da própria realidade, ela está em processo não de invocação de um objeto, mas de construção dentro de um meio "a interpretação de uma metáfora é guiada pelo contexto no qual ela se insere, que define um padrão de interpretação" (2007, p. 419). Percebemos, pois, a metáfora como fonte criativa em que os indivíduos às usam para terem condição de se explicarem e de se expressarem.

Segundo Fossile "as metáforas funcionam como instrumentos cognitivos que nos habilitam a perceber aspectos da realidade" fica claro que as metáforas são parte significativa na vida das pessoas, elas permitem não só estados de consciência ao fazerem desdobramentos cognitivos, mas o encontro com as coisas no mundo, permitem a captação de formas, pois são parte fundamental da ideia de realidade, realidade concreta. Propomos uma ruptura com o tradicionalismo que afeta as redes de ensino, levando a metáfora a um nível participação ativa na subjetivação do sujeito.

Para Bagno "a produção de novos recursos gramaticais a partir de (ré)processamentos cognitivos, por parte dos falantes, impostos aos recursos gramaticais já existentes. Dentre esses processamentos cognitivos o mais destacado é a metáfora" (Bagno, 2011, p. 170). Logo somos

1 Discente em Letras/Inglês, pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Campus Santa Inês. E-mail: dmsssgg4@gmail.com Lattes: http://lattes.cnpq.br/3366850005170918 Orcid: https://orcid.org/0009-0002-4107-9571

2 Doutor em Letras: Ensino de Língua e Literatura (UFT). Professor adjunto II: Língua Portuguesa: UEMA/SANTA INÊS. E-mail: antonioneto5@professor.uema.br Lattes: http://lattes.cnpq.br/3366850005170918. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6468-5630.

levados a imaginar que a metáfora segue como um fio condutor que o homem usa e que usa o homem, numa dialética que permite aprimoramento, superações e novos sentidos.

Sabendo disso, de modo geral, se reflete o ensino da metáfora no livro didático de língua portuguesa do PNLD 2021 do ensino médio como estratégia que captura significados e sentidos, em textos literários. Além disso, os objetivos específicos foram: investigar, no aporte teórico, o conceito e a sistematicidade da interpretação de metáforas nos estudos linguísticos, literários e nas gramáticas pedagógicas; verificar, a partir do guia do livro didático do PNLD mais recente, o que se apresenta sobre o conceito e o ensino de metáforas no livro de língua portuguesa do ensino médio; analisar o ensino e o conceito de metáforas em textos literários, sob a perspectiva dos materiais didáticos e dos linguistas; divulgar os resultados em eventos e elaborar artigo científico com conexões linguísticas e literárias.

METODOLOGIA

Nossas análises partem das pesquisas bibliográficas e no livro didático do ensino médio. Essas análises são desenvolvidas com base em materiais já elaborados, constituídos, principalmente, de livros e artigos científicos, porque se procura o aprofundamento de uma realidade específica, aqui, como se apresenta o ensino de língua portuguesa, ou seja, de metáforas no material disponibilizado pelo PNLD.

Em nossas análises adota-se a abordagem exploratória de caráter qualitativo, porque analisou-se a partir dos materiais, a possibilidade de uma compreensão mais aprofundada e analítica do ensino e aprendizagem de metáfora. A abordagem qualitativa ocorreu no contexto teórico da metáfora e das análises e discussões propostas no livro didático de ensino e no panorama das bases teórico metodológicas de análises segue-se os postulados de Fossile (2015), Moura (2012), Ricoeur (2001), Aristóteles (2012) para a análise, a partir da filosofia da linguagem, partiu-se das contribuições de Derrida (1973), Nietzsche (2007), Malufe (2012), Deleuze e Guattari (2010) e Deleuze (1996).

Os resultados foram discutidos em reuniões no Campus Santa Inês, reuniões presenciais que permitiram uma melhor análise por parte do pesquisador do projeto e do professor orientador, os resultados foram construídos entre os meses de setembro e janeiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das concepções de metáfora investigada diz que “a interpretação de uma metáfora é guiada pelo contexto no qual ela se insere, que define um padrão de interpretação” (Moura, 2007, p. 419), se levarmos em conta que a metáfora só pode existir em um contexto e que esse contexto lhe garante interpretação, temos antes de tudo, a metáfora como um fenômeno social e que só pode ser vista à medida que é condicionada por um grupo social que garanta-lhe função.

Assim, a metáfora pode ser vista como um fio que liga o indivíduo a sua comunidade. Isso pode ser compreendido tanto a nível macro, se pensarmos em países com culturas diferentes, com signos linguísticos que lhe permitem fazer associações próprias na busca de criar metáforas, quanto no nível micro, se estivermos falando em grupos específicos da sociedade, como as pessoas que fazem parte do hip-hop.

A metáfora é o fio, pelo qual a sociedade é ligada em busca de significação do que já existe e do novo. Antes tínhamos uma visão de metáfora como algo meramente de arranjo, uma simples substituição de termos, mas para além da simplificação dos antigos. Neste texto, entendemos que a metáfora é o rio, onde o significado se faz fluir e percebermos que a metáfora não é uma mera expressão individual, dependente do meio, é nele (rio) que ela floresce, é aí que ela se aproveita do animal social de Aristóteles (o Homem) e constrói seu corpo (Aristóteles, 2012).

De acordo com Fossile "as metáforas funcionam como instrumentos cognitivos que nos habilitam a perceber certos aspectos da realidade ou revelam conexões entre fatos que a própria construção da metáfora ajuda a criar" (2015, p. 13-14). Apesar das concepções inovadoras que vieram a surgir no campo das linguagens, de outras áreas de conhecimento do campo das ciências humanas como a sociologia, a psicologia e a filosofia, a metáfora ainda é vista como um mero recurso de embelezamento, ela entra no texto simplesmente como semelhança traçada entre objetos distintos e não como expressão própria, como algo que está para além da utilidade tradicional que lhe é atribuída. Os alunos aprendem que a metáfora é somente uma figura de linguagem e não conseguem desenvolver uma visão mais crítica sobre o tema, que geralmente é reduzido a uma gramática normativa que se faz dominar no espaço escolar. É o que vemos por exemplo ao analisarmos a conceituação da metáfora no livro didático do PNLD 2021, no volume 1, Cidade em Pauta, para seus autores:

> a literatura, a depender das escolhas e do estilo do autor, pode revelar registros da linguagem de uma época, formas de uso da língua praticadas por uma classe social e variações utilizadas pelos falantes. A linguagem literária também pode explorar novos sentidos de palavras e expressões, fazendo uso de metáforas, metonímias, ironias e outras figuras de linguagem5 (Campos; Oda, 2020, p. 59).

Outrossim, temos aqui uma primeira visão dos autores desse material didático sobre a literatura e a linguagem, esse livro simplifica o conhecimento linguístico-literário, os fluxos que o aluno pode ter ao se falar do estudo da metáfora, levando-os a uma primeira compreensão sobre o que é literatura e o uso da língua praticada por falantes de uma classe social e suas variações, para os autores esses falantes podem se utilizar da linguagem literária para explorar novos sentidos e expressões da língua a partir de figuras de linguagem, entre elas está a metáfora. A seguir, apresenta-se as concepções tradicionais e o que seriam esses novos fluxos de metáfora.

Quadro 1 - Divisão da compreensão da metáfora e suas concepções

ASPECTOS	CONCEPÇÃO TRADICIONAL DE METÁFORA	CONCEPÇÃO NOVA DE METÁFORA
Definição de Metáfora	Figura de linguagem que transfere significados de uma palavra para outra, criando semelhanças entre elas.	Forma de expressão que capta a interpretação da natureza e da subjetividade na construção de sentidos.
Função	Servir de modo estilístico ao falante para enriquecer sua fala.	Modo de questionar a objetividade e revelar as verdades ocultas, construindo novas possibilidades do real.
Conhecimento	Ajudam na compreensão de conceitos abstratos e figurativos.	Moldam a realidade e buscam intervir diretamente no conhecimento adquirido e na interpretação que temos do mundo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024) a partir de Moura (2012) e Aristóteles (2014).

O quadro (1) mostra o uso da metáfora em contextos de acordo com seus aspectos que lhe dão definição, observa-se que a visão tradicional é um tanto limitada e trata a metáfora como um fenômeno menor da língua, enquanto a concepção da segunda coluna traz em si um mundo à parte sobre a metáfora, ela não é mais só um recurso linguístico, ela é antes de tudo uma catalisadora de possibilidades da existência de sentidos, ela molda a realidade e a possibilidade de, o homem, reconhecer o mundo em que vive.

Desse modo, na visão aristotélica se acorrenta a metáfora, fica quase impossível pensarmos nas múltiplas formas que esta poderia nos direcionar e seguir. Os livros são reprodutores disso, dessa simplificação dessa diminuição de toda potencialidade que nela é contida, a metáfora aqui

é sempre vista como um dado concreto, alienado do meio e que parece estar acima das relações sociais, é sempre invocada à medida que o conceito de estética aparece, e só pode ser metáfora se aceitar ser usada pela linguagem como se os outros campos fossem menores em sua utilização.

Na busca de compreensão do seu uso nas mais diversas ocasiões, o que queremos mostrar é que existe um escape dessa conceituação de metáfora, sendo ela muito mais que um objeto pré-definido e que funciona como um vazio que existe no falante e na sua intenção, e à medida que é solicitada em seu conteúdo, sua manifestação é, ou ficaria, completa. A metáfora é um processo pelo qual se faz entender o próprio mundo, o que nele reside e o que dele escapa; são fluxos que, através de processos cognitivos, faz uma possível união entre a linguagem e a realidade, entre a metáfora e as próprias técnicas que a compõem.

Essa se configura como uma arte de criar, que tem a linguagem, a comunicação e os processos mentais como matéria-prima. Entender isso é saber que o conceito tem em si sempre uma espécie de contrariedade, como uma névoa que envolve o atual, querendo expandir a realidade. É por isso que a metáfora pode ser entendida como essa arte que cria, pois o criar traz em si todo o aparelho metafórico que vai além da representação por meio da substituição. Ela é bem maior, à medida que rompe com os limites da linguagem atual, procurando novos significados pelos quais o real é rasgado, até sair de si algo novo, como uma espécie de "dialética imanente", que contrapõe, que mantém e que eleva – nesse caso, a elevação da cognição e da sociedade que dela faz uso (Deleuze, 1996).

Baseia-se nesse autor e outros para refletirmos e pensarmos que a metáfora segue como uma impostora, como uma subversiva, que move os fluxos das palavras em direções que não são do seu estado natural. O trabalho da metáfora continua sendo o objeto de palavras para caminhos que não a designavam, originalmente; ela é, na verdade, uma ponte que liga o concreto ao abstrato, expandindo a língua por teias de significação. Uma vez que a palavra cai nessa teia, ela não possui mais uma casa fixa, mas sim um vasto mundo onde, em cada lugar, sua função se altera. A palavra escapa da prisão do dicionário e passa a usufruir de um reino de significados e sentidos.

Por exemplo, quando usamos a expressão "seu rosto é uma lua", tiramos o sentido literal da palavra "lua" — satélite natural que gira em torno da terra — e a aplicamos a algo que define uma condição ficcional, que seria o rosto imaginário de uma pessoa com a cara de lua (Malufe, 2012, p.186). Contudo, essa expressão também carrega significações próprias que se manifestam no contexto e na forma como são faladas. Vemos, então, que ocorre uma alteração no sentido semântico, de maneira a torná-lo mais abstrato, relacionado à anatomia, ao corpo humano (seu rosto).

Essa ligação e essas conexões, para Malufe "jamais podem de fato se cruzar, se intercontaminar, se interdeslocar, a não ser no sonho, na fantasia, no imaginário" (2012, p. 187). Para esse autor, é nisso que reside o mistério da metáfora, essa ligação impossível entre objetos distintos que não apenas criam assimilações, mas também uma nova visão do mundo e de seus elementos, pois essa é menos uma fuga da realidade; seu objetivo não é alienar o possível para justificar suas associações, por mais exóticas que sejam. Ela é, na verdade, uma expansão da realidade em si, uma expressão de uma vontade inerente de transformação, de vir a ser. Como uma potência em busca de ser não o "sou", mas o "estou", a metáfora é sempre flexível, complexa e singular.

É por isso que "a metáfora nasce no uso" (Moura, 2008, p. 182) e à medida que os falantes buscam formas de conhecer o mundo. No decorrer de sua busca por sentido, quando o pensamento tenta alcançar a realidade, a metáfora nasce: uma invocação da linguagem, um apelo do falante que não tem acesso direto à realidade em si. É impossível acessar o real tal como ele é; há sempre limites da razão que exigem a representação do pensamento por meio da cognição.

Por isso, a psique depende tanto da metáfora; é na mente que se articulam métodos para construir a realidade. A realidade do homem é uma grande metáfora, pois está sempre condicionada por formas de interpretação e por estímulos que se expressam nos enunciados e

nas intenções do falante. Como afirma Nietzsche, "sem metáfora, não há nenhum conhecer propriamente dito" (2007, p. 80). Quando apresentamos um conhecimento do mundo, esse surge com uma distorção, causada pela falta de acesso direto à essência das coisas.

Assim, ao falar de um ente no mundo, ele é mais aquilo que foi decidido socialmente para ser do que aquilo que realmente é. Não há uma abordagem totalmente literal das coisas. Por exemplo, ao pensarmos e falarmos sobre uma árvore, usamos esta palavra mais para evocar o que vemos do que para designar o que a árvore realmente é.

A língua, portanto, cria o mundo e é metafórica em sua essência, pois permite ao homem tocar o mundo, ainda que "de luva". Esse toque não é apenas para conhecer ou descobrir, mas para inovar e expandir. A língua é o primeiro contato com o mundo a partir da linguagem. Como disse Derrida: "a linguagem é originalmente metafórica" (1973, p. 330).

Quadro 2 - Fases do processo de conhecer através da metáfora

Consciência	Possibilidade de conhecer	Mundo
Sujeito	Metáfora	Objeto
Intenção do falante	Representação da coisa	Coisa em si

Fonte: Elaborado pelos autores (2024) a partir de Nietzsche (2007) e Derrida (1973).

O quadro (2), exemplifica os estágios que são criados o conhecer até a captação de sentidos, vemos a consciência do sujeito que se conecta com a possibilidade de conhecer que por sua vez ver o mundo, mas o mundo do sujeito possui mediação e essa mediação ocorre por intermédio do uso das metáforas, que são antes de tudo representações exercidas na intenção do falante que tenta captar no mundo, a coisa em si.

Nessa ótica, a metáfora está relacionada às formas de dispositivos que existem no tecido social como bem postulou Foucault (1999), esses dispositivos dão conta do que é real, dos discursos da realidade e sempre necessitam de um terreno, porque são moldáveis, e foi o que Deleuze disse ao, desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, no construir de um mapa, no cartografar e no percorrer terras desconhecidas, foi o que ele chamou de "trabalho de terreno" (1996, p. 81), ou seja, de descobrir esse mundo da metáfora.

Para esse autor, esse terreno é limpo e depende dos sujeitos para serem preenchidos de sentidos. Desse modo, segundo Deleuze (1996) é preciso construir os mapas pelos quais a sociedade forma sua percepção de mundo, o que não são dados modelos prontos e fechados, existem sempre uma condição nômade que permite flexibilidade para os sujeitos construírem seus mundos a partir da metáfora.

Enfim, os sujeitos jamais podem estagnar, tem sempre uma possibilidade que lhes garantem romper com seus estágios à medida que podem fazer novas ligações no âmbito social, já que essa, a metáfora, é antes de tudo, uma necessidade da cultura e esta é, sempre, tão descontínua para Deleuze. O corpo social desde os primórdios da humanidade tem a necessidade de comunicar-se, segundo Nietzche "A importância da linguagem para o desenvolvimento da cultura está em que nela o homem estabeleceu um mundo" (2000, p.13) percebemos que a linguagem é uma produção de sentidos bem como uma captura deles, é através dela que desenvolvemos as nossas representações cognitivas, que expressamos nos mais diversos níveis da vida.

É a partir dessa percepção que entendemos a importância da metáfora no seio social e no contexto do uso da linguagem pois é possível perceber "que uma metáfora é inovadora, que aciona e não só manifesta similaridades como também oferece insights cognitivos e cria novas significações." (Fossile) somos levados pela autora há uma ruptura, com a concepção clássica de metáfora, como mero recuso estilístico Aristóteles (2014) como a metáfora pode ser então este elemento da mutação das representações que se desenvolvem dentro e pela linguagem? Porque fazemos a língua à medida que a usamos (Sardinha, 2007) é dentro disso que a metáfora pode

se localizar, como essa força que propõe a ruptura, com a estagnação ou com a ornamentação, os seus usuários modificam a mesma à medida que modificam a si mesmos, pois ambos estão conectados, são vivos e, portanto, mutáveis.

Moura desenvolve o pensamento que dá sustentação ao poder da metáfora quando afirma que "assim como dependemos da imaginação para entender o mundo, dependemos também das metáforas para a comunicação. E elas são onipresentes: estão em todos os lugares". (2012, p.12) há uma inversão do entendimento das metáforas, nós passamos por depender delas, mas do que elas de nós, deixam de ser "óculos" e passam a ser os próprios olhos dos indivíduos, os olhos da linguagem passam a ser a metáfora por esse lugar de onipresença apresentado por Moura (2012).

Nietzche levará isso ao estopim da radicalidade ao enfatizar que "Acreditamos saber algo acerca das próprias coisas, quando falamos de "árvores, cores, neve e flores, mas, com isso, nada possuímos senão metáforas das coisas" (2000, p.33) logo, somos postos num campo dominado pela metáfora, onde cada ação de pensamento e da fala é ditado pela tribuna da metáfora. Levando a em consideração a explosão de riquezas das metáforas trazidas pelos teóricos, abordamos no PNLD como ela é desenvolvida a partir dos textos literários que são verdadeiras fontes, campo de seu domínio.

Quadro 3 - Reflexões sobre o texto literário

travessia pela cidade, pretende reconstruir.

Todo **texto literário** permite pensar sobre a realidade, discutir aspectos do mundo, da vida e das relações humanas de modo privilegiado. A relação entre a linguagem e pontos de vista que constituem os textos permite que o leitor se projete e, pela via do simbólico, encontre perguntas e respostas sobre questões que podem ser sociais ou pessoais.

Fonte: Campos; Oda et al. (2020, p. 163).

Diante das informações desenvolvidas pelo livro didático, podemos traçar processos rizomaticos (Deleuze,2010) entre a literatura e a Metáfora, baseados nas afirmações vigentes de que "Todo texto literário permite pensar sobre a realidade" (Campos; Oda, 2020, p. 163) o que é defendido por Black (1993) que pensa os processos metafóricos como verdadeiras criações do real, a realidade passa então por essa extensão de sentidos, como um oco que é preenchido a cada criação metafórica.

Podemos escalar essas questões por meio da literatura vendo como esta é um recurso poderoso no trabalho cognitivo, na organização de ideias e no aprofundamento deles, é o que notamos em Fossile, quando a teórica propõe que:

> Se surge uma e apenas uma nova maneira de ver a realidade e apenas um novo insight, então existe uma única interpretação para a metáfora. Por outro lado, se esse insight produz algo conceptualmente novo, não existente na linguagem, então podem surgir várias maneiras de representar esse insight. Se assim for, não pode existir somente uma única paráfrase literal da sentença metafórica, pois as palavras convencionais, já existentes, não conseguem e nem conseguirão representar o novo que está inserido na metáfora (Fossile, 2014, p. 07).

O novo não é interpretado pelas palavras convencionais, por aquilo que já existe, o real como um devir, está sempre em multiplicidade, multiplicidade que produz diferença da diferença e nunca identidade (Deleuze, 2010) é uma fuga da estratificação, do estruturalismo do concreto, o pensar é a linha de onde brota as a-significações, verdadeiros monstros, nesse movimento de aberração, onde o sentido só é entendido no fim, que rapidamente é começo.

Cadeias de codificação de diferentes núcleos são ligados, agenciamentos sem plano de fundo, sem raiz, agenciamentos de natureza distintas (Deleuze,1998) orgânicos e não orgânicos, vão produzindo nessa antiprodução de sentidos, formas de pensar, modos de ver e atuar sobre a

realidade, tendo como possibilidade a heterogeneidade e conectividade da metáfora, em termos de literatura a metáfora se torna não só a água deste textos como também a própria sede dos autores, ela dá a permissão, pois a literatura pode ser entendida como um mapa, ao modo .de Deleuze e Guattari "O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente" (1998, p. 21).

Se a literatura é passível de mudança, de cortes, faz isso não porque é senhora da metáfora, mas necessariamente por ser dependente dela, a metáfora não é somente uma postura emotiva criada no leitor, por meio das palavras, mas é o meio que o sujeito pode vir a se emocionar, à medida que ela dá conta do nebuloso, do decodificado.

Acentuamos esta visão poderosa, a partir dos textos literários presentes no livro didático, com a tarefa de libertar as metáforas, do que é ditado no livro, possibilitando novas critérios para o mundo dos alunos, pois como bem pensado por Black (1993) as metáforas não só identificam, mas geram novas sentença, de modo que cada encontro metafórico, é transformado num processo mental trabalhoso.

O volume "Cidade em Pauta" do PNLD traz uma afirmação tradicionalista que vai contra tudo que vemos desenvolvendo, ainda há, a imperiosa essência de Aristóteles (2014) o que faz com que hierarquizações sejam criadas ao falarmos de literatura e metáfora, com uma superioridade da Literatura sobre a metáfora e esta última recaindo aos círculos das figuras de linguagem, o que limita toda a potencialidade, ela é castrada, é a maldição grega que parece não ser desfeita e somente é enfatizada ao passar dos anos nos lugares de ensino.

Quadro 4 - Abordagens da linguagem literária

A literatura, a depender das escolhas e do estilo do autor, pode revelar registros da linguagem de uma época, formas de uso da língua praticadas por uma classe social e variações utilizadas pelos falantes. A linguagem literária também pode explorar novos sentidos de palavras e expressões, fazendo uso de metáforas, metonímias, ironias e outras **figuras de linguagem**.

Fonte: Campos; Oda et al. (2020).

Contrário à isso e aparados em nossos autores, propomos um novo traço, uma nova visão dentro da literatura, intensificando a necessidade de pôr a metáfora não como o local da falta, mas como o lugar da produção, uma máquina de produzir sentidos (Deleuze, 2010).

Observemos a partir do livro a estagnação teórica que é utilizada e perpetuada por uma visão reducionista que utilizasse da literatura para manter a solidificação das possibilidades e potencias de pensar o encontro entre a literatura e a metáfora, no texto a seguir é colocada a posição do livro a respeito das metáforas presentes no sonho de Icaro, onde percebemos a mera comparação de palavras não explicitas.

Quadro 5 - Apresentação do conceito de metáfora

É sabido que seres humanos não voam, exceto com o auxílio de-mentos específicos. O verbo **voar**, no entanto, é utilizado aqui com um signi-ficado diverso de seu sentido original. Ele não se refere a se afastar do chão, mas a tomar decisões, ousar, ir além do que se espera, isto é, voar é como continuar, avançar, progredir e superar.

Essa comparação, no entanto, fica implícita, pois não há nenhum conec-tivo ou outro elemento que a explicite.

Cabe ao leitor interpretar e fazer a relação. Esse processo de associação e comparação não explícita de sentidos de palavras ou expressões é chamado de **metáfora.**

Fonte: Campos; Oda et al. (2020, p. 21).

Contudo, foi notório que o livro, ainda, estar banhado de estereótipos sobre as metáforas e mesmo com os avanços dos estudos, há todo um terreno a ser construído, o livro apresenta o sonho de Ícaro como uma mera ornamentação linguística, como se o campo da metáfora na literatura fosse resumido ao campo da estética e não o da cognição, da possibilidade de construir as sentenças e consequentemente o próprio pensamento, segundo Sardinha (2007, p.33) "elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinada cultura", por tanto, as metáforas são peças chaves nos laços sociais, nas percepções do mundo e na conceituação do mesmo.

CONCLUSÃO

Desse modo ao investigarmos o ensino da metáfora no livro didático de língua portuguesa do PNLD (2021), destacamos sua relevância como ferramenta na construção de significados em textos literários. Ao comparar as abordagens tradicionais e contemporâneas, mostramos que a metáfora vai além de um simples recurso estilístico, sendo uma expressão dinâmica e inserida em contextos sociais e culturais.

Com base nas ideias de Nietzsche (2007) e Derrida (1973), defendemos que a linguagem, sendo essencialmente metafórica, se forma através do processo de conhecimento, da consciência e da capacidade de compreender o mundo. Esse processo se inicia com o sujeito e se reflete na metáfora, que se manifesta no objeto; assim, a intenção do falante é processada, a representação da coisa é construída, e um novo conhecimento sobre o objeto é alcançado.

Portanto, é fundamental reavaliar o ensino da metáfora nas escolas, adotando uma abordagem que valorize sua complexidade e importância. Essa mudança enriquecerá o aprendizado, permitindo que os alunos explorem as diversas camadas de significação presentes na linguagem e na literatura, contribuindo para a formação de novas conexões e fluxos literário-linguísticos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA/Processo: BIC-06117/24, que nos auxiliou com a bolsa de iniciação científica para a pesquisa sobre o ensino da metáfora no livro didático, agradeço a filosofia por ser a rede em que nos apoia no desenvolvimento de nossas ideias. Agradeço a todos que dão importância ao conhecimento científico, a PPG PIBIC/UEMA que nos ajuda na constituição de sujeitos científicos e a UEMA/Campus Santa Inês por nos fazer acreditar na relevância do trabalho científico.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A Poética Clássica.** São Paulo: Cultrix, 2014.

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução Nestor Silveira Chaves. São Paulo Lafonte, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Guia digital PNLD 2021**. Brasília/DF, 2021.

BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BLACK, M.: **Models and metaphor**. Ithaca: Cornell University Press, 1962.

CAMPOS, Maria Tereza Rangel Arruda; ODA, Lucas Kiyoharu Sanches. **Multiversos:**

língua portuguesa: ensino médio. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.

CAMPOS, Maria Tereza Rangel Arruda et, al. **Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos:** ensino médio. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Edições 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. **O mistério de Ariana.** Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs-Capitalismo e Esquizofrenia**, vol.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** Tradutores Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p.330.

FOSSILE, Dieysa Kanyela**. Metáforas verbais:** um estudo analítico-descritivo. Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2015.

FOCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo, 1999.

MALUFE, A. C. Aquém ou além das metáforas: a escrita poética na filosofia de Deleuze. **Rev. Let**., v.52, n.2, p.185-204, jul./dez. São Paulo 2012.

MOURA, Heronides. **Vamos pensar em metáforas?** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm**. Sobre verdade e mentira.** Tradução de Moraes de Fernando Barros. São Paulo: Hedra, 2007. p. 80.

NIETZSCHE, Friedrich**. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RICOEUR, Paul. **La metáfora viva.** Tradução de Agustín Neira. Ed. Trotta, S.A., Madrid, 2001.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida.** Aquarelas Arthur Luiz Piza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998

SARDINHA, T. B**. Metáfora.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA NETO, A.C da; ARAUJO, Guilherme Augusto Beserra. **Ensino da metáfora no livro didático de Língua Portuguesa: Fluxos linguísticos-literários**. São Carlos. Ed. Pedro e João Editores, 2025.